



## RECENSÃO CRÍTICA

### CRITICAL REVIEW

## *The Art of Uncertainty: How to Navigate Chance, Ignorance, Risk and Luck.*

**David Spiegelhalter**

Pelican, 2024

512 pp.

ISBN 978-0-241-65862-8

*The Art of Uncertainty: How to Navigate Chance, Ignorance, Risk and Luck*, de David Spiegelhalter, pode ser lido como um livro de maturidade intelectual. Não é apenas mais um volume de divulgação estatística, nem uma simples sequela ampliada de *The Art of Statistics* (Spiegelhalter, 2019). A obra propõe uma síntese mais ambiciosa: pensar, em conjunto, a probabilidade, a ignorância, o risco, a causalidade, a previsão, a comunicação pública da ciência e a experiência humana de viver sem garantias. A ambição é grande, mas o livro sustenta-a com disciplina formal, clareza pedagógica e uma rara combinação de rigor e tato.

A tese central aparece cedo e organiza todo o volume: “uncertainty is a relationship” [“a incerteza é uma relação”] (Spiegelhalter, 2024, Introdução). A formulação é breve, mas tem alcance considerável, porque afasta duas ilusões simétricas. Por um lado, a ideia ingênua de que a incerteza é uma névoa puramente subjetiva; por outro, a convicção positivista de que ela é apenas uma propriedade objetiva do mundo, pronta a ser medida independentemente de quem pergunta, do que se sabe

e dos modelos utilizados. Ao insistir que a incerteza nasce da relação entre sujeito, objeto, contexto e conhecimento, Spiegelhalter torna possível uma ética da humildade epistémica sem a transformar em relativismo.

Daí resulta uma segunda formulação decisiva: a definição da incerteza como “the conscious awareness of ignorance” [“a percepção consciente da ignorância”] (Spiegelhalter, 2024, Capítulo 1). Esta definição dá ao livro densidade epistemológica e humana. A ignorância não surge como simples falha da ciência, mas como condição estrutural da ação. O mérito de Spiegelhalter está em recusar que esse diagnóstico conduza ao desespero ou à paralisia. Pelo contrário, propõe uma pedagogia do não-saber bem administrado: quantificar quando se pode, distinguir quando não se pode, explicitar pressupostos, calibrar julgamentos, desconfiar da sobreconfiança, reconhecer a inadequação dos modelos e comunicar tudo isto com franqueza.

É neste ponto que o livro se aproxima de Kahneman (2011) e de Tetlock e Gardner (2015), sem se reduzir a nenhum deles. De Kahneman herda a vigilância contra a intuição precipitada e a confiança excessiva; de Tetlock e Gardner recupera a valorização da calibração, das regras de pontuação e do estilo mental da “raposa” contra o “ouriço”. Spiegelhalter vai, porém, além desta dupla herança: acrescenta uma história da probabilidade, uma reflexão explícita sobre sorte e acaso, uma atenção contínua aos modelos científicos e uma preocupação concreta com a tradução pública do risco. Se *Thinking, Fast and Slow* ajuda a perceber por que razão julgamos mal, *The Art of Uncertainty* procura mostrar como poderíamos julgar melhor; se *Superforecasting* ensina a prever com disciplina, Spiegelhalter pergunta ainda como comunicar, governar e decidir quando o mundo excede a previsão.

A estrutura do volume é um dos seus maiores méritos. Os primeiros capítulos constroem o vocabulário necessário: a definição de incerteza, a passagem da linguagem verbal às probabilidades, as regras elementares da teoria probabilística, as coincidências, a sorte e a aleatoriedade. A partir daí, o autor sobe de escala: bayesianismo, ciência, confiança nas análises, causalidade, previsão, desastre, incerteza profunda, comunicação e decisão. A ordem dos capítulos forma progressivamente um leitor mais capaz. Spiegelhalter não pressupõe especialização, mas também não condescende: ensina sem infantilizar. É um feito raro num domínio em que a exposição tende a oscilar entre o tecnicismo excludente e a simplificação excessiva.

O capítulo filosófico sobre probabilidade merece destaque especial. Ao discutir a célebre provocação associada a Bruno de Finetti, tal como é apresentada por Spiegelhalter, “Probability does not exist” [“A probabilidade não existe”] (Spiegelhalter,

2024, Capítulo 3), o autor não está a praticar um mero jogo intelectual. Está a assinalar que as probabilidades não são termómetros: não se leem diretamente do mundo como quem mede a temperatura. Dependem de modelos, convenções, informação e julgamento. Esta tese é decisiva para todo o restante livro, porque explica, ao mesmo tempo, por que razão precisamos das probabilidades e por que razão devemos tratá-las com disciplina crítica. É também aqui que a obra se distingue de uma visão vulgar da estatística como fábrica de certezas. A probabilidade, para Spiegelhalter, não elimina a incerteza; torna-a habitável.

Igualmente relevante é a forma como o autor articula ciência e política sem cair na arrogância tecnocrática nem na suspeita anticientífica. Nos capítulos sobre pandemia, causalidade, clima, crime, previsão e desastre, o livro insiste em três ideias: os modelos são indispensáveis, mas insuficientes; a evidência deve ser graduada, mas não fetichizada; e a comunicação pública deve ser honesta acerca dos limites do conhecimento disponível. Esta é uma lição preciosa num tempo em que a linguagem da certeza reaparece tanto no populismo político como no mau jornalismo, por vezes com a mesma estrutura retórica: simplificar, dramatizar, ocultar pressupostos e apresentar como inevitável aquilo que é apenas provável, contestável ou incompletamente conhecido.

As reservas a assinalar incidem menos sobre aquilo que o livro diz do que sobre o que, por economia de forma, deixa apenas entrevisto. A discussão da incerteza profunda é importante, mas poderia dialogar mais demoradamente com a literatura sobre resiliência, governação de futuros, ciência pós-normal e limites da quantificação. Do mesmo modo, a análise do poder social dos números, da desigualdade na distribuição da autoridade epistémica e da política institucional da peritagem surge mais como pano de fundo do que como objeto central. Estas limitações não enfraquecem a obra; antes ajudam a situar o seu género. *The Art of Uncertainty* é um ensaio estatístico de alto nível com vocação pública, não uma teoria social total da incerteza.

É também por isso que o livro se mostra tão valioso. Oferece à esfera pública algo particularmente necessário: uma defesa forte da quantificação sem idolatria dos números; uma defesa da ciência sem culto da infalibilidade; e uma defesa da prudência sem desistência da ação. O fecho do volume, quando o autor convida o leitor a “embrace it” [“abraçá-la”] (Spiegelhalter, 2024, Capítulo 16), não soa a fórmula inspiracional fácil. Depois de mais de trezentas páginas a mostrar como se pensa melhor em condições de não-saber, o imperativo final adquire espessura ética.

Não se trata de amar a incerteza de forma ingénuas; trata-se de a reconhecer, disciplinar e habitar sem mentira.

Em suma, Spiegelhalter escreveu menos um manual do que uma arte liberal da incerteza para o século XXI. O livro não substitui tratados especializados de probabilidade, nem trabalhos monográficos sobre previsão, risco ou comunicação científica. Mas faz uma coisa que esses tratados raramente conseguem: compõe uma visão ampla, intelectualmente séria e publicamente útil do que significa viver entre o acaso, a evidência incompleta, os modelos falíveis e as decisões inevitáveis. Nessa síntese reside a sua principal originalidade. Não é a originalidade da descoberta isolada; é a originalidade, mais difícil, da síntese convincente.

## REFERÊNCIAS

- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. Farrar, Straus and Giroux.
- Spiegelhalter, D. (2019). *The art of statistics: Learning from data*. Pelican.
- Spiegelhalter, D. (2024). *The art of uncertainty: How to navigate chance, ignorance, risk and luck*. Pelican.
- Tetlock, P. E., & Gardner, D. (2015). *Superforecasting: The art and science of prediction*. Crown.

**Luís Cunha**

Instituto Superior Miguel Torga - luiscunha@ismt.pt